https://doi.org/10.53000/hs.v21i00.5525

# Literatura, memória e autoritarismo:
o romance mexicano diante de 1968

Júlia Carneiro de Oliveira Costa[1]

COSTA, J. C. de O. **Literatura, memória e autoritarismo:**
o romance mexicano diante de 1968
*História Social*, vol. 21, p. 01-12, e026012, 2026

Resenha de: CARTAS FIGUEROA, Ricardo. **Voces de resistencia**: la novela mexicana del 68. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP), 2023.

O livro *Voces de resistencia: la novela mexicana del 68*, Ricardo Cartas Figueroa propõe uma reflexão sobre como a narrativa romanesca mexicana funcionou como espaço de representação e resistência simbólica diante do autoritarismo do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Pesquisador vinculado à Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP) e membro do Sistema Nacional de Investigadores (SNI), Cartas possui uma trajetória caracterizada pela articulação entre a investigação acadêmica nas ciências humanas, a criação literária e a gestão cultural. Essa atuação multifacetada reflete-se no tom e na estrutura da obra: o autor aproxima-se do objeto não sob o prisma da pesquisa documental ou arquivística estrita, mas a partir do interesse pela sensibilidade estética, pelas linguagens da

[1] Licencianda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), com intercâmbio acadêmico na Universidad Autónoma de Tlaxcala (UATx, México). Desenvolve pesquisa nas áreas de História Intelectual e História Social da Cultura, com foco nas articulações entre literatura, imprensa, autoritarismo e memória política no século XX. Contato: jcarneiro.oc@gmail.com

ficção e pela recuperação de obras poucas vezes integradas ao cânone literário. Publicado em um contexto de contínuas revisões públicas sobre a herança do '68 no México contemporâneo, o livro busca mapear as estratégias narrativas pelas quais a literatura contestou e preservou as memórias do massacre de Tlatelolco e de suas sequelas

O livro está dividido em cinco seções: introdução, três capítulos e conclusões. Na introdução, o autor contextualiza historicamente o surgimento do movimento estudantil de 1968, abordando seus antecedentes, especialmente o movimento ferroviário, uma das mais importantes mobilizações do México contemporâneo e que posteriormente se converteu em referência para outros movimentos sociais. O autor também menciona protagonistas e pensadores ligados aos acontecimentos de 1968, como José Revueltas e Gilberto Guevara Niebla.

O autor observa que muitos estudiosos caracterizam o movimento como antiautoritário, tendo como objetivo enfrentar o Estado mexicano governado pelo PRI (Partido Revolucionário Institucional), que naquele momento já estava no poder havia trinta e nove anos. O livro apresenta também uma linha do tempo com os principais acontecimentos do período e menciona obras publicadas durante e após os eventos de 1968, além das diferentes respostas dos governos ligados ao PRI.

Por fim, o autor discute o impacto do movimento de 1968 na literatura mexicana, especialmente no romance. Segundo Cartas, grande parte dessa produção surge da necessidade de encontrar formas de denunciar a violência política do período. O livro busca recuperar romances que tiveram pouca circulação comercial ou recepção crítica modesta no momento de sua publicação — seja por seu caráter ácido, seja por terem sido escritos por autores jovens ou situados nas margens do campo literário. Para realizar essa investigação sócio-literária, Cartas seleciona um corpus composto por sete obras centrais: *Con él, conmigo, con nosotros tres* (María Luisa Mendoza), *La invitación* (Juan García Ponce), *Que la carne es soberbia* (Marco Antonio Campos), *El gran solitario del palacio* (René Avilés Fabila), *Héroes convocados* (Paco Ignacio Taibo II), *Los símbolos transparentes* (Gonzalo

Martré) e *Muertes de Aurora* (Gerardo de la Torre). A partir desse conjunto, o autor propõe uma tipologia analítica baseada nas estratégias de representação do autoritarismo e da resistência

No primeiro capítulo, intitulado *Fluir contra el poder, la sutil resistencia*, Cartas recupera a origem social da maioria dos estudantes que compunham o movimento de 1968, destacando que muitos pertenciam à classe média. O perfil universitário da década de 1960 era majoritariamente formado por esse grupo social, já que o acesso da classe trabalhadora ao ensino superior ainda era bastante limitado.

O autor observa também a existência de dois tipos de classe média naquele contexto. De um lado, uma classe média conservadora, cuja estabilidade dependia das estruturas de poder existentes. De outro, uma classe média mais autônoma, formada por indivíduos inseridos na vida produtiva e que possuíam maior liberdade para criticar o governo.

Nesse cenário, os hábitos culturais da juventude da Cidade do México passaram por transformações importantes. A música consumida por essa geração tornou-se alvo de críticas e censura. A moda também refletia essas mudanças: o uso de minissaias entre as mulheres e de cabelos longos entre os homens simbolizava uma ruptura com padrões anteriores.

As universidades converteram-se em espaços de reunião e debate político da juventude de classe média, conectando discussões locais a acontecimentos internacionais como a Guerra do Vietnã, o Maio de 1968 na França, a Revolução Cubana e o avanço do movimento feminista. Nesse contexto, os jovens passaram a se reconhecer como uma força social renovadora.

A partir desse cenário, Cartas argumenta que os romances desempenharam papel relevante na construção da narrativa literária sobre 1968. Muitos autores recorreram ao chamado "discurso oculto", caracterizado por críticas indiretas ao poder político. Em vez de ataques diretos ao presidente ou ao PRI, os escritores utilizavam estratégias narrativas mais sutis para expressar suas críticas.

Entre as obras analisadas está *Con él, conmigo, con nosotros tres*, de María Luisa Mendoza, considerada uma das primeiras novelas a abordar 1968. O romance acompanha três gerações de mulheres, evidenciando transformações nas relações familiares e nos papéis femininos. A narrativa não apresenta confrontos diretos com o Estado, mas expõe formas de resistência cotidiana frente aos micropoderes patriarcais. Ao destacar que apenas duas mulheres integraram o Conselho Nacional de Greve, Cartas evidencia as contradições internas do movimento estudantil e a permanência de hierarquias de gênero.

Também integra esse grupo *La invitación*, de Juan García Ponce. A obra constrói uma narrativa centrada em um protagonista identificado apenas como "R", que desperta de uma doença indefinida e transita por um universo marcado pelo erotismo e pela ambiguidade. A crítica não se dirige explicitamente aos responsáveis pela repressão, mas questiona valores centrais da classe média e do capitalismo, como produtividade e moralidade sexual. O erotismo funciona como ruptura simbólica com o conservadorismo social.

Em *Que la carne es soberbia*, de Marco Antonio Campos, o contexto de 1968 aparece diluído em situações cotidianas que revelam tensões sociais e o estigma construído em torno da juventude universitária. Conflitos aparentemente banais evidenciam como o discurso oficial produziu uma imagem negativa dos estudantes, reforçando a percepção de ameaça à ordem.

Cartas observa que essas três novelas se situam no campo da interpretação sutil e indireta dos acontecimentos de 1968. Curiosamente, os três autores analisados ocupavam posições relativamente privilegiadas no campo cultural mexicano. Ainda assim, conseguiram elaborar críticas significativas dentro das possibilidades e dos limites que suas estratégias narrativas permitiam.

No segundo capítulo, intitulado *Lo fantástico como resistencia*, o autor destaca que apenas duas obras apresentam elementos fantásticos dentro da perspectiva literária relacionada ao movimento estudantil de 1968. Segundo Cartas, a necessidade de narrar os acontecimentos de 1968 e denunciar

suas consequências aproximou a maioria das obras do realismo, tendência literária predominante na época. No entanto, um pequeno grupo de romances apresenta uma proposta diferente, recorrendo ao fantástico como estratégia narrativa. Essas obras utilizam elementos fantásticos não apenas como recurso estilístico, mas como forma de construir metáforas críticas capazes de provocar reflexões sobre as condições sociopolíticas do México.

Em *El gran solitario del palacio*, de René Avilés Fabila, a figura presidencial é transformada em alegoria grotesca: um caudilho que sofre mutações periódicas para garantir a continuidade do poder. A sátira permite criticar a permanência estrutural do regime *priista* sem nomeá-lo diretamente. O fantástico deforma o discurso oficial e revela suas engrenagens autoritárias.

Já em *Héroes convocados*, de Paco Ignacio Taibo II, a narrativa situa-se no período pós-1968, marcado por frustração e desencanto. O protagonista, Néstor, hospitalizado, convoca heróis literários para executar uma vingança simbólica contra os responsáveis pela derrota do movimento. A imaginação funciona como espaço de resistência e reativação da memória. A obra sugere que, embora derrotada, a geração de 1968 não se encontra completamente silenciada.

Cartas conclui que as novelas analisadas nesse capítulo constituem uma importante demonstração da diversidade das expressões culturais relacionadas ao movimento de 1968. A incorporação de elementos fantásticos nesses romances representou um marco tanto na história recente do México quanto na história da literatura mexicana. Essas obras tornam-se fundamentais porque o uso do fantástico não funciona apenas como estratégia de resistência política, mas também como uma forma de oposição estética ao predomínio do realismo, que era a tendência literária dominante naquele período.

Ao organizar os romances a partir de estratégias narrativas distintas: discurso oculto, fantástico e realismo-marginal, Cartas não apenas classifica obras, mas propõe uma tipologia interpretativa da resistência cultural. Essa escolha metodológica permite compreender que a oposição ao

regime não se manifestou de maneira homogênea, mas variou conforme a posição dos autores no campo intelectual, suas trajetórias sociais e suas possibilidades de circulação editorial. Nesse sentido, o livro dialoga com debates sobre campo cultural e autonomia relativa da produção artística, ao evidenciar que as formas de crítica literária estavam condicionadas tanto por limites políticos quanto por dinâmicas internas do próprio universo cultural.

No terceiro e último capítulo, intitulado *La resistencia radical desde el realismo-marginal*, Cartas destaca que a maior parte das obras que compõem o grupo de romances sobre 1968 é narrada a partir de características do realismo, tendo como cenário principal a atmosfera da classe média da Cidade do México. No entanto, também existem exceções importantes que desenvolvem suas narrativas a partir de cenários marginais.

Esses romances apresentam uma postura que contrasta com a maior parte da produção literária sobre 1968. O caráter marginal aparece desde os aspectos relacionados à trajetória dos próprios autores, que se mantinham afastados dos círculos de poder político e intelectual, ao contrário de alguns dos autores analisados nos capítulos anteriores. Outro aspecto destacado por Cartas é que *Los símbolos transparentes* foi a única obra do conjunto que sofreu censura direta por parte dos organizadores do Concurso Internacional de Novela do México, promovido em 1974 pela Editorial Novaro. A intervenção da Novaro — então uma das maiores e mais influentes empresas do mercado editorial comercial e do circuito cultural hegemônico na América Latina — evidencia como as grandes editoras alinhavam-se às restrições do regime do *PRI*, vetando obras que explicitavam a violência de Estado em Tlatelolco. Em decorrência dessa interdição institucional, o romance de Gonzalo Martré permaneceu retido e só pôde circular quatro anos mais tarde, em 1978, sob o carimbo de uma pequena editora independente de menor alcance comercial (Ediciones de Cultura Popular), ilustrando as barreiras impostas aos discursos de resistência radical

Em *Los símbolos transparentes*, de Gonzalo Martré, a narrativa acompanha pais que buscam justiça pelos filhos assassinados no massacre de 2 de outubro de 1968. A figura do político conhecido como "La Marrana" simboliza a ascensão oportunista dentro da estrutura do PRI. A tentativa frustrada de vingança revela tanto a impotência diante do poder quanto a persistência do desejo de justiça. A obra, inicialmente esquecida e marcada por censura, foi posteriormente redescoberta, indicando mudanças na recepção da memória de 1968.

Por sua vez, *Muertes de Aurora*, de Gerardo de la Torre, apresenta como protagonista Jesús de la Cruz, ex-participante do movimento ferroviário de 1958, agora imerso em frustração política e precariedade social. A narrativa explora a experiência da classe trabalhadora diante do movimento estudantil, destacando a distância entre expectativas revolucionárias e realidade social. Aurora, evocada como presença fantasmática, simboliza perdas pessoais e coletivas. Diferentemente dos romances centrados na classe média, aqui a resistência aparece marcada por derrota, alcoolismo e marginalidade, ampliando a compreensão social de 1968.

Nas conclusões, Cartas afirma que esses romances devem ser entendidos como formas de resistência cultural e como dispositivos de memória. Ao recuperar obras pouco estudadas, o autor demonstra que não houve uma narrativa única sobre 1968, oferecendo contrapontos críticos contundentes à literatura consagrada pelo cânone — como *La noche de Tlatelolco*, de Elena Poniatowska, ou *Los días y los años*, de Luis González de Alba. Enquanto as obras clássicas privilegiaram a perspectiva da juventude universitária de classe média da capital e a memória épica das lideranças do Conselho Nacional de Greve (CNH), o corpus reunido por Cartas introduz fraturas nessa memória hegemônica: traz a perspectiva dos trabalhadores e dos sujeitos periféricos (em Gerardo de la Torre e Gonzalo Martré), expõe as contradições morais e as hierarquias de gênero do próprio movimento (em María Luisa Mendoza) e contesta o realismo documental por meio do fantástico e da sátira política (em Avilés Fabila e Taibo II).

Cabe ao leitor problematizar uma das premissas centrais do empreendimento de Cartas Figueroa: a tentativa de posicionar seu trabalho como uma contribuição inédita erigida sobre uma suposta 'lacuna' nos estudos sobre o movimento de 1968. Ao alegar a escassez de análises sobre o período, o autor omite uma vasta e consolidada historiografia recente que já desconstruiu as narrativas hegemônicas e problematizou as memórias do evento. Como demonstra Héctor Jiménez Guzmán em El 68 y sus rutas de interpretación (2018), a produção sobre o massacre de 68 é densa e diversificada, perpassando desde os escritos da conspiração e os relatos do cárcere até os ensaios sobre a ruptura, as interpretações militantes, os acertos de contas com a memória e as pesquisas sobre os arquivos da violência[2]. Ao tomar figuras canônicas — como José Revueltas ou Gilberto Guevara Niebla — enquanto autoridades neutras ou incontestadas, Cartas desconsidera as intensas disputas de memória que atravessam esse campo. Além disso, o livro subestima a relevância cultural e política da "*literatura de la onda*" e da contracultura jovem dos anos 1960, cujas manifestações estéticas e comportamentais já desferiam críticas profundas ao conservadorismo moral e ao regime do PRI antes mesmo das grandes mobilizações de rua. Ao ignorar tais vetores e omitir análises literárias fundamentais sobre o tema (como as de Erick Ávila Ponce de León), o livro reduz a complexidade da cena cultural pré-68.

Dessa forma, o livro de Cartas se insere em uma tradição de estudos sobre 1968 não pelo preenchimento de uma pretensa 'lacuna' — uma vez que a historiografia e a crítica cultural mexicana há muito tempo debatem o período —, mas sim pelo esforço metodológico de reunir um conjunto heterogêneo de obras de menor circulação editorial. A partir da organização das estratégias narrativas (discurso oculto, fantástico e realismo marginal), a obra evidencia que a literatura operou como espaço de disputa no

[2] JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. **El 68 y sus rutas de interpretación:** una historia sobre las historias del movimiento estudiantil mexicano. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica (FCE), 2018.

México, no qual diferentes versões sobre o autoritarismo do *PRI* foram construídas e preservadas para além dos documentos oficiais

Em suma, o livro deve ser dimensionado pelo o que ele é. Embora apresente limitações ao reivindicar para si o preenchimento de uma lacuna historiográfica inexistente e ao desconsiderar os debates em torno da contracultura mexicana, a obra cumpre um papel pedagógico e acadêmico relevante ao resgatar romances marginalizados pelo mercado editorial ou censurados em seu tempo, Ricardo Cartas demonstra que a literatura não funcionou apenas como mero registro empírico da violência de Tlatelolco, mas como uma forma autônoma de interpretação e preservação da memória histórica. Para a historiografia dedicada à cultura política e à memória autoritária na América Latina, o livro oferece uma chave de leitura útil para compreender como a ficção romanesca abriu brechas e articulou formas de resistência simbólica no México sob a hegemonia do PRI.

Por essas razões, a obra é um ótimo começo para um primeiro contato com a literatura produzida sobre o Massacre de Tlatelolco. Mesmo não sendo historiador de formação, Ricardo Cartas oferece uma contribuição importante ao demonstrar que a literatura não apenas reflete processos históricos, mas participa ativamente da construção de sentidos sobre eles, funcionando como espaço de memória, análise histórica e resistência política.

## Referências

AVILÉS FABILA, René. *El gran solitario del palacio.* Buenos Aires: Editorial Losada, 1971.

CAMPOS, Marco Antonio. *Que la carne es soberbia.* México, D.F.: Editorial Extemporáneos, 1979.

CARTAS FIGUEROA, Ricardo. *Voces de resistencia:* la novela mexicana del 68. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP), 2023.

DE LA TORRE, Gerardo. *Muertes de Aurora.* México, D.F.: Ediciones de Cultura Popular, 1980.

GARCÍA PONCE, Juan. *La invitación.* México, D.F.: Joaquín Mortiz, 1972.

GONZÁLEZ DE ALBA, Luis. *Los días y los años.* México, D.F.: Editorial Era, 1971.

JIMÉNEZ GUZMÁN, Héctor. *El 68 y sus rutas de interpretación:* una historia sobre las historias del movimiento estudiantil mexicano. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica (FCE), 2018.

MARTRÉ, Gonzalo. *Los símbolos transparentes.* México, D.F.: Ediciones de Cultura Popular, 1978.

MENDOZA, María Luisa. *Con él, conmigo, con nosotros tres.* México, D.F.: Joaquín Mortiz, 1971.

PONIATOWSKA, Elena. *La noche de Tlatelolco:* testimonios de historia oral. México, D.F.: Editorial Era, 1971.

REVUELTAS, José. *México 68:* juventud y revolución. México, D.F.: Editorial Era, 1978.

TAIBO II, Paco Ignacio. *Héroes convocados:* manual para la toma del poder. México, D.F.: Grijalbo, 1982.

Recebido em: 27/05/2026
Aceito em: 31/10/2026